

ÍNDICE

Ilustrações	7
Agradecimentos	9
Prefácio da edição de 1945.....	13
Introdução	17
CAPÍTULO UM · O cerco de Varsóvia	37
CAPÍTULO DOIS · Os primeiros dias do gueto	69
CAPÍTULO TRÊS · A vida continua.....	87
CAPÍTULO QUATRO · Resistência.....	103
CAPÍTULO CINCO · As bombas russas	115
CAPÍTULO SEIS · Tifo.....	125
CAPÍTULO SETE · «Pela violência feita a teu irmão».....	139
CAPÍTULO OITO · O terror anda na rua	161
CAPÍTULO NOVE · Mais um ano	175
CAPÍTULO DEZ · A primavera é cruel	189
CAPÍTULO ONZE · Os alemães tiram fotografias	203
CAPÍTULO DOZE · Os privilegiados vão para a prisão	219
CAPÍTULO TREZE · As crianças vão passear	231
CAPÍTULO CATORZE · O fim da Polícia judaica.....	247
CAPÍTULO QUINZE · O regresso dos dias sangrentos	265
CAPÍTULO DEZASSEIS · No campo de internamento	283
CAPÍTULO DEZASSETE · A batalha do gueto.....	295
CAPÍTULO DEZOITO · Viagem para a liberdade.....	321

Notas.....	329
Referências.....	343
Cronologia de eventos	349

ILUSTRAÇÕES

Judeus, com braçadeiras, caminham numa rua cheia de gente no gueto de Varsóvia	54
Romek Kowalski	65
Mapa do gueto de Varsóvia	71
Duas crianças pobres a pedirem esmola numa rua do gueto...	89
Romek Kowalski a orientar a construção de um muro do gueto	101
O professor Kellerman a tocar o seu violino, possivelmente com a mulher (desenho de Mary Berg)	110
Um rapaz é apanhado por um guarda alemão em pleno ato de contrabando.....	112
Mary e a sua irmã Anna no gueto de Varsóvia	127
Tadek Szajer com o seu boné de trabalhador do Serviço de Ambulâncias, por volta de 1942	135
Ponte da Rua Chlodna no gueto de Varsóvia em 1942. A família Wattenberg vivia num dos prédios de apartamentos perto da ponte antes de ser enviada para a prisão de Pawiak ...	163

Tadek Szajer (ao centro, no seu uniforme do Serviço de Ambulâncias) com amigos no gueto	173
À procura de comida no pátio do número 41 da Rua Sienna (desenho de Mary Berg)	182
Um homem é mandado parar por um gendarme nazi no gueto (desenho de Mary Berg)	188
Uma das muitas oficinas existentes no gueto cujos postos de trabalho eram objeto de disputas acaloradas, porque se dizia que esses trabalhadores não seriam deportados	213
Uma das numerosas crianças famintas tratadas no Hospital Pediátrico Judaico Benson e Bauman da Rua Sliska	234
Judeus do gueto de Varsóvia aguardam, no <i>Umschlagplatz</i> , a vez de entrarem num dos comboios em que irão ser deportados	240
Mary Berg (a última à direita) numa representação do grupo As Ceifeiras Russas no campo de internamento de Vittel, em 22–23 de março de 1943 (fotografia gentilmente cedida pela Coleção Stella Gumuchian, dos arquivos de James Fox)...	293
Judeus capturados durante a insurreição do gueto de Varsóvia são enviados para o local onde se juntavam as pessoas que seriam depois deportadas (maio de 1943)	298
Soldados das SS passam pelos edifícios em chamas durante a supressão da insurreição do gueto de Varsóvia, em maio de 1943	300
O navio S. S. <i>Gripsholm</i> , palco da operação de troca de prisioneiros, a entrar no porto de Nova Iorque	325

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Arquivos de James Fox (Coleção Stella Gumuchian): 293

Arquivos de S. L. Shneiderman, Universidade de Telavive: 65, 101, 110, 127, 135, 173, 182, 188, e fotografia da capa (imagem da autora, a cores)

United States Holocaust Memorial Museum: 54, 89, 111, 213, 234, 240, 298, 300 e fotografias da capa (Insurreição do Gueto de Varsóvia e imagens da autora a preto-e-branco)

Foram feitos todos os esforços para localizar e contactar os detentores dos direitos das imagens, mas em alguns casos isso não foi possível. O autor e a editora agradecem toda a informação que lhes possam fazer chegar e que possibilite retificar as referidas omissões numa futura edição da obra.

AGRADECIMENTOS

Comecei a interessar-me pelo diário de Mary Berg e a trabalhar sobre ele em meados da década de oitenta do século xx. No decorrer deste processo procurei, conheci e tive a ajuda de muitas pessoas nos EUA, na Grã-Bretanha, na Alemanha, na Polónia e em Israel. Acabei por ficar amiga de algumas. Quero agradecer especialmente a James A. Fox, ex-editor-chefe da Magnum Photos em Nova Iorque e em Paris durante 30 anos, curador de exposições fotográficas e historiador já reformado, pelo tempo e pelo esforço que dedicou a ajudar-me a compreender o campo de internamento de Vittel. James A. Fox conheceu os Shneidermans em Paris na Magnum. O irmão de Eileen Shneiderman — o fotógrafo David Seymour — foi um dos fundadores da Magnum. Aproveito também para agradecer a oportunidade de entrevistar Gutta Eisenzweig Sternbuch e David Kranzler em fevereiro de 2006.

Quero dirigir um agradecimento especial aos filhos de Eileen e de S. L. Shneiderman — Ben Shneiderman e Helen Sarid — e a Rochelle Saidel pelos seus conselhos e pelo estímulo que me deram; aos filhos de Sylvia Glass — Walter e David Goldfrank — e a Moira Hyle, a filha de Norbert Guterman. Também quero agradecer a: Alan Berger, Alice Eckhard, Anna e Tamas Adamik, de Budapeste, Batia Gilad (do Arquivo Janusz Korczak no *kibutz* Combatentes do Gueto), Jenny Manuel (do Arquivo Judaico Americano), Krystyna

Freijat (secretária do reverendo Dr. Edward Puslecki, superintendente-geral da Igreja Metodista Unida da Polónia), Mark Shenise (da Comissão Geral dos Arquivos e da História da Igreja Metodista Unida), Marianne Sandig, de Berlim, Megan Lewis (do Registo de Sobreviventes do Museu Memorial do Holocausto dos EUA), Moishe Shubinsky, de Inglaterra, Monica Kulp (filha de Gaither e Halina Warfield), Robert Giliank, Roman Zakharii, Ryszard Maczewski, de Varsóvia, Shelly Shapiro (do Centro de Educação dos Amigos e Sobreviventes do Holocausto, de Latham, Nova Iorque), Serge e Beate Klarsfeld, de Paris, Vanesa Chappell (do Intercâmbio Interbibliotecas da Universidade Estatal do Centro do Missouri), Universidade Estatal do Centro do Missouri pela bolsa de investigação universitária para pesquisas nos Arquivos Nacionais e, como sempre, ao meu marido, Floyd C. Pentlin.

Quero aqui recordar a minha adorada mãe, Jean Riddle (1919–2001), que queria que os seus filhos aprendessem a pensar com clareza, e a minha avó, Addie Gillum Flanery (1893–1974), que foi minha professora de Inglês no preparatório e que nutria um gosto e compreensão profundas pela língua inglesa. Quero recordar também os tradutores Norbert Guterman (1900–1984) e Sylvia Glass (1912–2006) pelos esforços que desenvolveram em 1945 para trazer a público este documento histórico. Lembro-me da conversa telefónica interessante e animada que tive com Sylvia Glass Goldfrank pouco antes do seu falecimento em 2006.

Como coordenadora desta edição, dedico o meu trabalho à memória de S. L. Shneiderman, que desempenhou um papel essencial no sentido de garantir que este importante registo sobre o Gueto de Varsóvia viesse a ser conhecido publicamente em 1944–1945. Apercebeu-se do seu significado para a sobrevivência dos judeus polacos e para a História, trabalhando muito de perto com Mary Berg e tratando da tradução do diário, da sua publicação em folhetins e,

AGRADECIMENTOS

finalmente, da sua publicação em livro na Nova Iorque em tempos de guerra. S. L. Shneiderman nasceu em Kazimierz, na Polónia, em 1906, e morreu em Israel em 1996. Também gostaria de incluir nesta dedicatória a sua mulher e colaboradora, Eileen Shneiderman, nascida com o nome de Eileen Szymin em Varsóvia, na Polónia, em 1906, tendo falecido em Israel em 2004. Samuel Shneiderman perdeu os pais e dois irmãos e as respetivas famílias, 11 pessoas no total, no gueto de Opole, e Eileen Shneiderman perdeu os pais no gueto de Otwock. Juntos formavam uma equipa de autores inspiradora. Vieram para os EUA em 1940 e dedicaram as suas vidas à preservação do mundo culturalmente rico dos judeus polacos e da língua iídiche, que os nazis tentaram destruir. Tenho pena de não terem vivido para verem este diário na sua nova versão impressa.

Susan Pentlin



PREFÁCIO

DA EDIÇÃO DE 1945

*Contai isto aos vossos filhos,
E que os vossos filhos digam aos filhos deles,
E os filhos deles à outra geração.*

Joel, 1:3

As zonas urbanas onde viviam os judeus, criadas pelos nazis na Polónia e delimitadas por muros, foram concebidas para humilhar e torturar o povo judaico. O que hoje resta desses guetos são cinzas, depois de os judeus as terem transformado em cidadelas de resistência. Em Varsóvia, Bialistok, Bendzin e Czestochowa, os judeus — homens, mulheres e crianças —, empunhando armas obsoletas, ergueram-se contra os batalhões blindados dos nazis. Ninguém enviou munições de paraquedas para esses combatentes isolados, nem mesmo durante a Batalha do Gueto de Varsóvia, que se prolongou por 42 dias. A luta heroica e o sofrimento dos judeus nos guetos polacos são um dos mais trágicos e menos conhecidos capítulos da Segunda Guerra Mundial.

A própria palavra «gueto» é uma invenção nazi, porque não pode haver comparação entre o gueto de Varsóvia e todos os outros que foram criados pelos nazis na Polónia e os guetos medievais que, ocasionalmente, serviam de proteção aos judeus que viviam no seu

interior. Desde os primeiros tempos que os guetos modernos serviram ao inimigo como armadilhas mortais.

Paradoxalmente, o mundo que deu crédito às mentiras nazis recusou-se a acreditar nos crimes nazis. Ainda hoje há «liberais» que se recusam a acreditar que os nazis assassinaram quase quatro milhões de judeus na Europa. Encaram as revelações sobre as câmaras de gás, os crematórios e as experiências bacteriológicas, executadas em centenas de milhares de judeus, como produtos da propaganda antialemã.

Os nazis contavam com isto. Sabiam que quanto maior fosse a dimensão dos seus crimes, menos credíveis seriam.

As pessoas que viviam fora da Polónia tinham uma imagem completamente falsa das condições de vida dentro das zonas judaicas isoladas no interior do país. No estrangeiro imaginava-se que os judeus eram uma massa de seres humanos que esperavam apaticamente pelo morticínio. Que esta imagem era errónea é o que ficamos a saber pelo diário de Mary Berg, a primeira crónica completa do estabelecimento e da destruição do gueto de Varsóvia escrita por uma testemunha sem qualquer tipo de preconceito político ou partidário.

No início da ocupação alemã, os próprios judeus não tiveram a noção do destino que lhes estava reservado. Fizeram o melhor que podiam para preservar o seu modo de vida e, com ele, as distinções sociais inevitáveis que prevaleciam antes da ocupação. Por isso, as condições dentro do gueto espelharam naturalmente a vida no exterior. Com o tempo, e perante as adversidades do domínio nazi, começou a aumentar a solidariedade entre todas as classes dos judeus. Os nazis encaixaram deliberadamente numa área antes ocupada por cerca de 100 000 pessoas um grupo heterogéneo de 600 000 judeus, oriundos de todos os territórios ocupados. Estes judeus, de culturas e ideias diversas, mergulhados num abismo de

fome, de doença e de terror, conseguiram organizar uma forma de existência comunitária.

Tal como aconteceria no seio de outros grupos, os que possuíam reservas de dinheiro ou de valores conseguiram sobreviver durante mais tempo do que os menos afortunados. O comércio clandestino com o chamado «lado ariano» prosseguiu, por vezes com a conivência dos próprios nazis, que aproveitavam estas oportunidades para adquirir objetos valiosos em troca dos marcos alemães sem valor. Através de canais secretos, as organizações de combate dos judeus conseguiram reunir um parco armamento; o dinheiro para essas armas veio, em grande medida, dos judeus mais ricos, alguns dos quais contribuíram voluntariamente enquanto outros o faziam sob pressão da resistência judaica.

Mary Berg acabara de fazer 16 anos quando foi aprisionada no gueto de Varsóvia. Os acontecimentos fizeram-na «crescer» rapidamente. Sendo filha de uma cidadã americana, pertencia a um minúsculo grupo privilegiado. A bandeira americana na sua lapela e uma outra à porta do seu apartamento protegiam-na do inimigo, quais talismãs. Viveu entre os que menos sofreram, embora, dia após dia, fosse abalada pelas tragédias das suas colegas de escola, dos seus vizinhos e da sua própria família.

No futuro, esperamos, serão descobertas crónicas escondidas pelos seus autores nas ruínas do gueto de Varsóvia. Poderão ser encontrados outros sobreviventes que darão testemunho deste heroico episódio da guerra — heroico não apenas pela morte de tantos mártires, mas pela sua vontade teimosa de viverem uma vida digna apesar dos riscos medonhos que enfrentavam. Por agora, o diário de Mary Berg é o único relato existente de alguém que viu tudo com os seus próprios olhos. A autora conseguiu sair com as suas notas porque, depois de três anos de saque, os alemães nem sequer se deram ao trabalho de revistar os poucos habitantes do gueto que,

naturais de outros países, conseguiram finalmente deixar Varsóvia. Originalmente, a jovem Mary Berg escreveu as suas notas em polaco, numa forma abreviada. Depois reescreveu-as ao chegar a Nova Iorque no navio S. S. *Gripsholm*. Tinha 15 anos quando começou a escrever o diário e 20 quando decidiu publicá-lo.

Ao preparar o seu manuscrito para publicação, fiz apenas as alterações necessárias para clarificar pormenores que, de outro modo, seriam ininteligíveis para os leitores americanos. Quase todos os nomes citados no diário são verdadeiros. Os seus titulares morreram ou deixaram de estar em perigo. Só mudámos os nomes das pessoas cujo destino é ainda incerto ou cujos familiares poderiam ficar em perigo se elas fossem identificadas.

Quero aqui expressar a minha gratidão a Norbert Guterman que, em colaboração com Sylvia Glass, preparou a versão inglesa de *The Warsaw Ghetto**.

S. L. Shneiderman

* O título original da primeira publicação do diário de Mary Berg, em 1945, foi *The Warsaw Ghetto: A Diary*. [N. do T.]



INTRODUÇÃO

E assim continuou. Dez por dia, 10 000 judeus por dia. Mas foi por pouco tempo. Rapidamente passou para os 15 000. Varsóvia! A cidade dos judeus — a cidade rodeada por uma cerca e por muros encolheu, expirou, derreteu-se como neve aos meus olhos.

The Song of the Murdered Jewish People,
de Yitzak Katzenelson, escrito
em 2, 3 e 4 de novembro de 1943

No dia 19 de abril de 1944 Mary Berg deu início à sua luta para abrir os olhos dos americanos para a realidade do Holocausto. Uma multidão de milhares de pessoas reuniu-se nesse dia na Sinagoga de Varsóvia em Nova Iorque e desfilou até à Câmara Municipal, celebrando desse modo o primeiro aniversário da Insurreição do Gueto de Varsóvia. A família Wattenberg, Shya e Lena e as suas filhas Mary (Miriam) e Ann, que haviam escapado ao terrível destino de tantos judeus europeus e chegado aos EUA apenas quatro semanas antes, encabeçava o desfile. Os participantes levavam cartazes onde se lia «Apelamos à consciência da América para ajudar a salvar os judeus que na Polónia ainda podem ser salvos», «Vinguem o sangue do gueto polaco» e «Três milhões de judeus polacos foram assassinados pelos nazis! Ajudem-nos a salvar os sobreviventes».¹

Os Wattenbergs tinham chegado aos EUA em março de 1944, como repatriados, no S. S. *Gripsholm*, um navio de troca de prisioneiros, alugado pelo Departamento de Estado dos EUA à Swedish American Line. S. L. Shneiderman, um jornalista judeu que também fugira da Europa nazi, conheceu Mary Berg, então com 19 anos, na doca quando o navio aportou. Ficou a saber que ela trazia consigo um diário da sua experiência e da sua família no gueto de Varsóvia, escrito em polaco em 12 pequenos blocos de apontamento em espiral.

No prefácio à edição polaca do diário, datada de 1983, Shneiderman evoca a sua reação:

Li, maravilhado, as letras minúsculas nas páginas densamente escritas dos seus blocos de apontamentos. Receando que os seus escritos pudessem cair um dia nas mãos dos nazis, Mary escreveu as suas notas numa forma muito pessoal de estenografia, usando apenas iniciais para as pessoas cujos nomes citava. Nunca usou a palavra «nazi». Em vez disso escrevia «eles».

Nancy Craig, numa emissão de rádio da WJZ em Nova Iorque, perguntou a Mary como é que ela conseguira trazer o seu diário para os EUA. E ela respondeu: «Desenvolvi uma espécie de código próprio e escrevi os factos mais importantes. E depois, muito simplesmente, pu-lo na minha mala de viagem. Também memorizei todas as datas e todos os nomes importantes.»² Pouco depois de ter chegado, Mary começou a reescrever as suas notas em polaco.

Shneiderman trabalhou de perto com Mary nos meses seguintes, decifrando os blocos de apontamentos e pedindo-lhe «para explicar certos factos e certas situações que, de outro modo, seriam um enigma não apenas para os leitores americanos como para leitores de todo o mundo», aparentemente corrigindo alguns erros

ortográficos e talvez até acrescentando alguns elementos. Nos casos em que Mary já sabia que as pessoas citadas haviam perecido, ela e Shneiderman substituíam as iniciais pelos nomes completos. Pela mesma razão, o apelido da autora foi reduzido para «Berg» para proteger a família e os amigos que ainda pudessem estar vivos na Polónia do tempo da guerra. Mary começara a reescrever partes do seu diário já em Pawiak. Por estes motivos talvez seja mais exato chamar à sua obra publicada «memórias em forma de diário».

Shneiderman traduziu o manuscrito polaco³ para iídiche, que publicou em artigos no *Der Morgen zshurnal*. Depois contratou Norbert Guterman, que nascera na Polónia, e Sylvia Glass, diplomada do Wellesley College, para traduzir a versão polaca para inglês. Terá sido esta a versão que apareceu no jornal *PM*, de Nova Iorque, sob a forma de folheto, e, de uma forma resumida, no *Jewish Contemporary Record* no outono de 1944. Mais ou menos na mesma altura, o diário foi traduzido para alemão por Mary Graf e publicado no jornal de exilados de Nova Iorque *Aufbau* [Reconstrução] entre 22 de setembro de 1944 e 19 de janeiro de 1945⁴.

Shneiderman publicou, em fevereiro de 1945, a versão completa de Mary Berg com o título *Warsaw Ghetto: A Diary* [O Gueto de Varsóvia: um Diário], em colaboração com L. B. Fisher, em Nova Iorque. Mary desenhou a imagem que aparece na sobrecapa original que representava um muro de tijolo que definia os limites do gueto de Varsóvia. No prefácio a uma edição especial do diário, patrocinada pela Organização Nacional dos Judeus Polacos, o seu presidente, Joseph Thon, salientou o propósito de Berg e de Shneiderman ao publicarem o diário:

Os dirigentes das Nações Unidas declararam que só recorreriam ao gás tóxico e à guerra bacteriológica se os alemães fossem os primeiros a usar esses métodos desumanos. E os alemães usaram

esses métodos para chacinarem milhões de judeus em Treblinka, Majdanek, Oswiecim e outros campos. Mas, ainda hoje, o mundo inteiro não se apercebeu por completo deste facto. É por isso nosso dever tornar conhecida a horrível verdade e publicar documentos e relatos de testemunhas que o revelam não deixando qualquer margem para dúvidas.

O diário de Mary Berg foi publicado antes de a guerra terminar, antes de as pessoas nos EUA e noutros países, e mesmo a própria autora, conhecerem a enormidade dos crimes alemães e os pormenores da Solução Final. Devemos ainda ter presente que, como testemunha desses crimes contra a humanidade, Mary chegou a Nova Iorque antes do verão de 1944, quando os judeus húngaros, a última comunidade judaica europeia, foram mortos pelo gás em Auschwitz e ainda havia a esperança de que a atenção mundial prestada ao seu sofrimento pudesse conduzir à sua libertação.

Mary Berg não foi a única testemunha destes acontecimentos a pronunciar-se em inglês antes do fim da guerra. Entre 1942 e 1943 foram publicados alguns artigos e panfletos com relatos de testemunhas presenciais, e declarações em primeira mão foram também incluídas num livro sobre os judeus polacos em 1943.⁵

O diário de Mary Berg, porém, foi o primeiro relato publicado em inglês a descrever os acontecimentos ocorridos desde a criação do gueto até às primeiras deportações, realizadas entre julho e setembro de 1942. Foi também um dos primeiros relatos pessoais a descrever o gás usado para matar a população judaica em Treblinka. Num prefácio ao diário, Shneiderman assinalou que:

No futuro, esperamos, serão descobertas crónicas escondidas pelos seus autores nas ruínas do gueto de Varsóvia. Poderão ser encontrados outros sobreviventes que darão testemunho deste heroico

*episódio da guerra [...]. Por agora, o diário de Mary Berg é o único relato existente de alguém que viu tudo com os seus próprios olhos.*⁶

O contributo único dado por Mary Berg foi reconhecido em várias críticas publicadas durante o inverno de 1945. O *The New Yorker* escreveu: «Este é um livro impiedoso, repleto de trevas e terror, e que, devido à imagem que transmite da coragem e da humanidade das pessoas do gueto de Varsóvia, é também corajoso e inspirador.»⁷ A *Kirkus Review* classificou-o como «um relato comovente do terrorismo»⁸ e a crítica feita pelo *The New York Times* recomendava a leitura desta obra a toda a gente «sem reservas»⁹. A *Saturday Review* afirmou que as entradas do diário de Berg «trazem a marca da sinceridade e da autenticidade e, aparentemente, não são “embelezadas” por nenhum tratamento editorial»¹⁰.

Pouco depois da sua publicação, em fevereiro de 1945, o diário foi traduzido para várias línguas.¹¹ Mais recentemente, o diário foi tema de uma peça de teatro, de uma representação de teatro de rua, e apareceu no documentário, de 1991, «A Day in the Warsaw Ghetto: A Birthday Trip in Hell» [«Um dia no Gueto de Varsóvia: uma Viagem de Aniversário ao Inferno»]¹². Também é citado como fonte na bibliografia de muitas obras importantes sobre o Holocausto, à disposição de estudantes e académicos.¹³

O diário de Mary Berg é único pela sua autenticidade, pela sua riqueza de pormenores e pela sua emoção. Alice Eckhardt, uma conhecida teóloga cristã, escreveu em 1995:

Agora, com o destino fatal do gueto já por todos conhecido, os pormenores da vida comunitária, que prosseguia e por vezes até conseguia florescer apesar das horríveis condições em que subsistia, tornam-se ainda mais importantes para o nosso conhecimento. Os fatores únicos que tornaram possível a esta jovem mulher

*deixar o gueto, pouco antes da sua destruição, dão à obra uma vitalidade e ao mesmo tempo uma emoção tão grandes, que é difícil de encontrar algo que lhe corresponda.*¹⁴

Mary Berg tinha 15 anos quando os alemães atacaram a Polónia e o seu diário é o de uma rapariga. Como muitas outras crianças que escrevem nos seus diários, procurava encontrar um significado para a crueldade com que era obrigada a conviver. Como Anne Frank e outras crianças, Mary começou a escrever o seu diário como um meio de se confortar e de se manter entretida. Mais tarde tornou-se uma forma de expressão para si e para os seus amigos. Alvin Rosenfeld, no seu livro *A Double Dying*⁵, conclui que os diários do Holocausto escritos por crianças ou jovens adolescentes «parecem quase constituir um subgénero da literatura de prisão».

Mary esteve com a sua família no gueto de Varsóvia desde o seu primeiro dia, em novembro de 1940, até poucos dias antes do começo da Grande Deportação, em 22 de julho de 1942. Em 17 de julho desse ano os pais e as duas filhas foram internados, na qualidade de cidadãos americanos, na prisão de Pawiak, localizada no gueto. Foi da janela da prisão que seguiram a deportação de mais de 300 000 habitantes do gueto. Vários anos mais tarde, Mary lembrou-se de ter visto muitos dos seus amigos entre «os homens envelhecidos de barba grisalha, as raparigas na flor da idade e os rapazes orgulhosos que eram levados como gado para o *Umschlagplatz*, na Rua Stawki, ao encontro da morte»¹⁶.

Pouco depois da meia-noite de 18 de janeiro de 1943, quando no gueto começou a segunda *Aktion*, que conduziria ao primeiro ato de resistência armada no dia seguinte, Mary, os pais e a irmã Ann foram enviados para um campo de internamento em Vittel, em França, com outros prisioneiros estrangeiros. Um ano mais tarde, foram selecionados para uma troca por prisioneiros alemães

dos EUA. E a 16 de março de 1944 chegaram à América a bordo do *S. S. Gripsholm*.

Desde muito cedo, já no período da ocupação, que Mary soube que os alemães estabeleceriam um preço para a vida humana e que os privilegiados que já tinham dinheiro antes da ocupação teriam uma melhor hipótese de sobrevivência. Quando foi criado o gueto em Lodz, uma colega de escola de Mary foi para Varsóvia com, nas palavras de Mary, «histórias de fazer gelar o sangue». A família dela — contou — conseguira escapar por «subornar a Gestapo com valentes dólares americanos». É claro que Mary sabia que só «os judeus abastados» podiam ter um fácil acesso a dinheiro estrangeiro.

Mary compreendeu que fazia parte desse grupo dos privilegiados. E explicou, no seu diário, que os desprivilegiados «só têm, no máximo, uma hipótese de dez por cento [de sobrevivência]». Mais tarde reconheceu, com igual sinceridade, que «só os que dispõem de grandes somas de dinheiro é que se conseguem salvar desta vida terrível».

Mary cresceu no seio de uma família abastada em Lodz. O pai era proprietário de uma galeria de arte e ia ao estrangeiro comprar obras de mestres europeus como Poussin e Delacroix. Mary frequentou à escola em Lodz e os pais puderam dar-se ao luxo de passar seis semanas numa estância termal no verão de 1939. A família tinha familiares a viverem nos EUA.

Mary também teve discernimento para perceber que os cidadãos estrangeiros beneficiavam de uma melhor hipótese de sobrevivência. Os judeus com passaportes de países neutros estavam dispensados de usar a estrela judaica e de fazerem trabalhos forçados. Quando duas amigas conseguiram obter documentos de identidade nacionais de um país da América do Sul, Mary comentou: «Não admira que muitos judeus tentem obter documentos desses, mas nem todos dispõem dos meios para os comprar ou coragem para os usar».

A mãe de Mary, Lena, nasceu em Nova Iorque a 1 de maio de 1902 e tinha nacionalidade americana. Aos 12 anos Lena foi viver para a Polónia com os seus pais, polacos, e um irmão e uma irmã mais velhos, também nascidos nos EUA. Os irmãos mais novos, Abie e Percy, nasceram depois de a família ter regressado à Polónia em 1914. Quando, nos anos vinte, os pais e os irmãos mais velhos regressaram aos EUA, Lena, que era nessa altura desenhadora de moda, ficou em Lodz com os irmãos mais novos. Casou-se com Shya Wattenberg, de nacionalidade polaca, que era pintor e comerciante de antiguidades.¹⁷ Tiveram duas filhas, Mary e a sua irmã mais nova, Ann.

Durante a ocupação alemã, o estatuto da mãe como cidadã americana garantiu a toda a família proteção e privilégios, mesmo apesar de Mary e a irmã terem nascido na Polónia. Quando o carteiro trouxe à mãe uma carta do consulado americano, em dezembro de 1939, Mary escreveu que ele «não conseguiu conter-se e expressou a sua inveja pelo facto de termos ligações com a América». Em 5 de abril de 1940 observou, com realismo, que «os cidadãos polacos de origem judaica não têm quem os proteja a não ser eles próprios». Mais tarde, explicou que o cartão de visita da mãe na porta da casa de Varsóvia, indicando que ela era americana, «era um talismã maravilhoso contra os bandidos alemães que visitam as casas de todos os judeus, sem serem convidados». Era de tal modo verdade, que os vizinhos iam para casa deles assim que avistavam os uniformes alemães.

Embora os Wattenbergs fossem refugiados, conseguiram manter consigo algum dinheiro e bens valiosos. Também recebiam cartas e encomendas de familiares residentes nos EUA, e a Sra. Wattenberg, como cidadã americana, teve ao início autorização para sair do gueto. Quando os alemães, em novembro de 1940, fecharam oficialmente o bairro judaico para o transformarem num gueto, os Wattenbergs tiveram a felicidade de se poderem manter

no apartamento do número 41 da Rua Sienna, na esquina da Rua Sosnowa, no território do gueto. Esta morada fazia parte da área conhecida por «Pequeno Gueto», na fronteira do gueto a sul. O pátio para onde as janelas davam abria-se para o «lado ariano» da rua, onde ainda era possível ver pessoas a andarem livremente.

O «Pequeno Gueto» tornou-se a zona privilegiada, como indica Gutman:

Mesmo tendo o gueto adotado o princípio de que «todos são iguais», algumas pessoas eram «mais iguais do que outras» e este desequilíbrio era também perceptível nas ruas. Algumas zonas, como a Sienna ou a Chlodna, eram consideradas abastadas. Os apartamentos eram maiores, com menos gente e, acima de tudo, havia pessoas relativamente bem alimentadas. Estas ruas eram as moradas dos judeus assimilados [...] e dos judeus ricos, que haviam conseguido manter uma parte da sua riqueza.¹⁸

Mary estava ciente desta desigualdade e da importância da riqueza na vida do gueto.

O seu conhecimento da corruptibilidade do *Judenrat** é também visível numa entrada escrita mais tarde, depois de ela e a família se terem mudado para um apartamento no número 10 da Rua Chlodna, situado junto do portão ocidental do gueto, perto da passagem pedonal por cima dessa rua. E explicou-o do seguinte modo: «Os mais abastados, e que puderam subornar os funcionários do gabinete de alojamento, ficaram com os melhores apartamentos desta rua de grandes casas modernas. A Rua Chlodna é geralmente considerada a rua aristocrática do gueto, tal como a Rua Sienna o foi ao início.»

* «Conselho judaico», órgão administrativo que reunia os chefes das comunidades criadas pelos judeus nos guetos por imposição dos nazis. [N. do T.]

Embora Mary parecesse muitas vezes sentir-se desconfortável relativamente aos privilégios e à proteção da sua família, também queria esquecer-se do horror que a rodeava e, com a resiliência própria dos jovens, adaptou-se à vida durante a ocupação. Wiszniewicz entrevistou um sobrevivente do gueto que vivia nos EUA há alguns anos e que lhe disse:

As pessoas pensam que o gueto era como no cinema: um terror constante e implacável. Mas não era nada disso. Estávamos sempre cercados pelo terror mas vivíamos as nossas vidas normais enquanto isso acontecia. No gueto continuava-se a namorar, liam-se romances, havia concertos e peças de teatro. As pessoas iam a um restaurante enquanto alguém morria nas traseiras desse mesmo restaurante. As situações normais e as situações anormais interligavam-se repetidamente.¹⁹

É esta a vida que Mary descreve em cada página.

Muitos dos seus jovens amigos de Lodz também fugiram para Varsóvia. Durante o ano de 1940, o diretor do seu liceu de Lodz, o Dr. Michael Brandstetter²⁰, assim como outros professores, começou a dar aulas ilegais em Varsóvia. Os alunos reuniam-se secretamente duas vezes por semana em casa dos Wattenbergs para poderem concluir os seus estudos. A escola só era acessível aos privilegiados porque os estudantes membros desses grupos de estudos tinham normalmente de pagar aos seus professores 30 a 40 zlóti por mês²¹.

À medida que aumentava o número de refugiados e que as condições se tornavam cada vez mais inquietantes, os judeus de Varsóvia começaram a criar uma rede de organizações de apoio e de autoajuda na zona judaica. Ansiosos por contribuir, Mary e 11 dos seus amigos de Lodz fundaram um clube para angariar fundos.

E pouco tempo passou até que, a pedido de um representante do Comité Conjunto de Distribuição, decidiram montar um espetáculo musical. Intitularam-se Grupo Artístico de Lodz ou, em polaco, *Lodzki Zespól Artystyczny*, ou LZA, cujas letras (muito apropriadamente, na opinião de Mary) formavam a palavra «lágrima».

Um documento recuperado do arquivo *Oneg Shabbat* refere-se à juventude «privilegiada» do gueto, na sua maioria composta por refugiados de Lodz e de cidades vizinhas, a que o autor, com algum desprezo, chama «juventude de ouro». No seu diário, Mary descreve as idas aos cafés da Rua Sienna para cantar e as atuações no Teatro Femina com Romek, incursões que contrastam com os jovens e as crianças que morriam de fome no gueto. E mesmo o clube LZA, criado para angariar dinheiro para os pobres, prestou claramente aos jovens que nele participavam, e de forma muito clara, algum alívio perante os horrores que viam à sua volta, como Mary regista, ao contar que passaram «uns tempos muito animados» ao montarem o seu espetáculo, que foi um grande êxito. Ela não deixou, no entanto, de continuar a ser muito sensível à desigualdade que via e ao desespero crescente que alastrava dentro do gueto. Poucas semanas antes, registara a visita feita a uma casa de refugiados, onde viu crianças seminuas e sujas deitadas num estado de total apatia. Uma criança olhou para ela e disse que tinha fome. Com uma candura muito característica, Mary confessou no seu diário: «Senti-me dominada por um sentimento de enorme vergonha. Eu comi nesse dia mas não tinha um pedaço de pão que pudesse dar àquela criança. Nem me atrevi a olhá-la nos olhos e fui-me embora.»

Noutra passagem comovente escreveu sobre os «sonhadores de pão» que via nas ruas, cujos olhos «estão velados por uma névoa que é de outro mundo». E explica que se sentam, «em geral, no outro lado da rua diante das montras das lojas que vendem comida, mas os seus olhos já não veem o pão que existe atrás do vidro, que

talvez lhes pareça um paraíso distante e inacessível». Nessa mesma entrada, expressa também a culpa que sente pelos seus privilégios, concluindo: «Tornei-me de facto muito egoísta. Por agora estou quente e tenho comida mas há tanta miséria e tanta fome à minha volta, que começo a sentir-me muito infeliz.»

Abraham Lewin, um dos diaristas do gueto, que não sobreviveu, descreveu os contrastes enormes entre os habitantes abastados do gueto e os muitos milhares que sofriam com a pobreza, as doenças e a fome:

É muito difícil contemplar o gueto com as suas multidões de expressões abatidas e cores aguadas. Alguns parecem cadáveres que estiveram enterrados durante semanas. São uma visão de tal modo aterradora, que nos fazem estremecer instintivamente. Em total contraste com este pano de fundo que são estas figuras literalmente esqueléticas, o pessimismo que tudo cobre e o desespero que nos fita em cada par de olhos da massa de transeuntes, existem algumas raparigas ou jovens mulheres que, embora em número reduzido, chocam com o seu vestuário demasiado elegante. [...] Ao andar na rua observo esta elegância doentia e envergonho-me perante mim próprio.²²

Como outro ensaísta do *Oneg Shabbat* recordou aos futuros historiadores, enquanto estes jovens privilegiados viviam comparativamente bem, «não deixavam, no entanto, de serem, eles também, afetados pelas condições do tempo da guerra que mudaram as suas vidas de uma maneira negativa.»²³

A riqueza e os privilégios no gueto não se fizeram sentir apenas no alojamento e na educação. Mary descobriu que podia desempenhar um papel na proteção dos habitantes ameaçados de irem para os campos de trabalho e ajudou muitas pessoas a conseguir

os trabalhos mais desejados. E ela própria teve de enfrentar um dilema pessoal e moral quando, no outono de 1941, descobriu que o *Judenrat* oferecia cursos práticos em domínios como metalurgia e artes gráficas aplicadas, perto da sua casa da Rua Sienna²⁴. O curso ia durar seis meses e a sua propina era de 25 zlóti. Quando se foi inscrever, Mary descobriu muitos dos seus amigos entre os 600 candidatos, todos ansiosos por fugirem aos campos de trabalho²⁵. Não é por isso de estranhar que só houvesse algumas dezenas de vagas.

Mary confessou, no seu diário, que sabia que a «cunha» desempenharia um papel essencial na seleção dos alunos. De início, «revoltou-se» contra isso mas, ao descobrir que eram poucas as hipóteses de ser admitida, decidiu «finalmente recorrer ao mesmo método». Havia um egoísmo adicional nesta decisão porque Mary também admitiu saber que, nessa altura, as raparigas não eram ameaçadas pela ida para os campos de trabalho como eram os rapazes.

Mary começara, alguns meses antes, a aceitar a realidade dos subornos e das cunhas. Quando o *Judenrat* criou a Polícia judaica, explica Mary, «apresentaram-se mais candidatos do que aqueles que eram necessários». E depois acrescenta: «Um comité especial selecionou-os e a “cunha” desempenhou um papel importante na escolha. No fim, quando já só restavam algumas posições, o dinheiro também ajudou... Mesmo no Céu nem todos são anjos.» Como o tio de Mary, Abie, serviu nesta Polícia, é provável que ela tivesse sabido disso em primeira mão.

Devido ao estatuto social, à educação e à riqueza de que desfrutavam antes da guerra, muitos dos amigos e dos familiares de Mary conseguiram garantir posições «privilegiadas» que lhes permitiram viver melhor do que os residentes normais do gueto e, pelo menos, sobreviver durante mais algum tempo. A maioria obteve as suas posições por intermédio do *Judenrat*. Embora a opinião pública se

dividissem quanto à integridade do *Judenrat*, Ringelblum, nas suas notas do *Oneg Shabbat*²⁶, descreveu este conselho como «hostil ao povo». Outros, porém, alistaram-se na Polícia judaica, sendo liminarmente condenados por Ringelblum e outros memorialistas, para quem eles «se distinguiam pelas suas medonhas corrupção e imoralidades.»²⁷

Mais tarde, Mary explicou que o seu tio Percy conseguiu um trabalho através do *Judenrat*, a apanhar tijolos em edifícios em ruínas, faltando-lhe no entanto a «cunha» necessária para obter uma posição em que ganhasse mais como capataz. Por outro lado, Mary sabia que o seu «namorado» do gueto, Romek Kowalski, outro «jovem de ouro» de Lodz, conseguira uma posição como capataz na construção do muro do gueto por ter uma «cunha». Kowalski era familiar do engenheiro Mieczslaw Lichtenbaum, presidente da comissão de construção do muro formada pelo *Judenrat*²⁸, e de Marek Lichtenbaum, que se tornou o presidente do *Judenrat* depois da Grande Deportação.

Foi depois do que descreve como uma «prolongada luta», o que provavelmente significa que eram necessários subornos, que o pai de Mary também conseguiu o ambicionado posto de porteiro no bloco de apartamentos onde vivia. O *Judenrat* nomeava os porteiros, que tinham direito a um salário, alojamento grátis, isenção das taxas comunitárias e rações extras, bem como a um passe do *Judenrat* que os dispensava dos trabalhos forçados. Nas palavras de Mary, «não admira que seja um emprego difícil de obter». Além disso, Ann, a irmã de Mary, frequentava aulas de costura de roupa infantil, dirigidas pelo Instituto de Orientação Vocacional e Formação do *Judenrat* (conhecido por ORT).

Um outro conhecido de Mary, Henirk Grynberg, cuja prima Rutka era a melhor amiga de Ann, dedicava-se ao contrabando no gueto. Supostamente estaria também envolvido no submundo do

gueto, já que frequentava o Café Hirschfeld na companhia de agentes da Gestapo. Nota Mary: «É uma das pessoas mais bem-sucedidas que exercem esta nova atividade económica. É o que se pode depreender da sua aparência próspera e dos vestidos elegantes que a sua mulher e a sua filha vestem.» A sua principal atividade era o contrabando de soro antitifo que, naturalmente, e à medida que a febre tifoide se espalhava pelo gueto, ia parar às mãos dos que podiam pagar somas elevadas.

O Serviço Especial de Ambulâncias foi um alvo muito especial das críticas contundentes de Ringelblum, que o viu como um disfarce para a venda de cartões e de bonés que davam algumas vantagens valiosas aos seus portadores, entre as quais a exclusão dos trabalhos forçados. Era dirigido pelo grupo do submundo do gueto, de estilo mafioso e de má fama, conhecido por «Treze», que muita gente via, com receio, como um instrumento da Gestapo. Um dos amigos de Mary e colega no LZA — Tadek Szajer — era filho de um membro dos «Treze» e, ele próprio, membro do Serviço de Ambulâncias. Tadek perseguia Mary com o seu fervor juvenil mas ela rejeitava-lhe todos os avanços, fazendo-lhe ver que enquanto outros, como Romek Kowlaski, precisavam de trabalhar muito duramente para sustentarem as suas famílias, Tadek andava sempre bem alimentado e bem vestido e deslocava-se para todo o lado de riquesa. Mary suspeitava de que o pai dele fazia negócios com os nazis e a sua decisão de não o ver mais sugere que ela, consciente do que se passava, queria afirmar uma posição moral.

No início de 1942, Mary ficou a saber que os cidadãos dos EUA haviam sido autorizados a deixar o gueto e que o pai de um seu conhecido se encontrava preso na Alemanha. Houve também rumores no gueto de que haveria uma troca de prisioneiros. Algumas semanas mais tarde, Mary registou que, nisto, a «cunha» e os subornos também podiam ser úteis. E escreveu no seu diário:

«É necessário, naturalmente, ter qualquer pedaço de papel onde se declare que pelo menos um membro da família é cidadão estrangeiro. A minha mãe tem sorte, neste aspeto, por ser cidadã americana de origem e de pleno direito.»

Mais tarde, a mãe de Mary estabeleceu contacto com um agente da Gestapo chamado «Z», que a prometeu ajudar. Ingenuamente, Mary admitiu que acreditava que «apesar da sua posição, continuou a ser um homem decente». Mais provavelmente terá sido passado para as mãos deste homem algum dinheiro antes de ele ter registado a Sra. Wattenberg na Gestapo. Um mês depois, Mary Berg e a sua família atravessaram o gueto, com mais cerca de 700 cidadãos dos países europeus e americanos neutrais, dos quais 21 eram americanos, a caminho da prisão de Pawiak, onde foram internados.

Quando os Wattenbergs foram levados para a prisão de Pawiak, Mary viu-se separada não apenas de Kowalski e das suas muitas amigas mas, também, dos irmãos mais novos da mãe, que haviam nascido na Polónia. O tio Abie acompanhou a família até aos portões da prisão. À despedida, perguntou à mãe de Mary: «Como é que és capaz de me deixar?». Mais tarde, já em relativa segurança no campo de internamento de Vittel, Mary escreveu no seu diário: «Nós, que fomos salvas do gueto, temos vergonha de olhar umas para as outras. Tínhamos o direito de nos salvar? [...] Eis-me aqui, a respirar ar puro, e lá o meu povo sufoca no gás e morre nas chamas, queimado vivo. Porquê?»

À chegada ao campo de internamento de Vittel no início de 1943, os Wattenbergs e outros prisioneiros de Pawiak já nem conseguiam acreditar que ainda pudesse existir um mundo de relativa normalidade. Gutta Eisenzweig, que partilhou uma cela com Mary em Pawiak, descreve nas suas memórias, publicadas recentemente, a sua reação inicial: «Fiquei parada, em choque, porque havíamos atravessado de repente o abismo que separa o inferno do paraíso

[...] chegámos a uma atmosfera serena de sumptuosidade típica do Velho Mundo. O contraste era avassalador.»²⁹ Vittel era uma atração turística entre os vários campos de internamento dos alemães na Europa, concebido para assegurar à Cruz Vermelha Internacional que todos os internados eram bem tratados, para ajudar a reforçar a segurança dos prisioneiros alemães no estrangeiro.

O campo de Vittel ficava numa estância termal nas montanhas Vosges, em França. Os internados ficaram alojados nos quartos nos hotéis e alguns dos luxos das termas ainda se encontravam disponíveis. Havia um hospital com médicos bondosos que também eram internados, como o Dr. Jean Levy, filmes e outros entretenimentos, algumas lojas e um parque lindo por onde podiam passear durante o dia. Graças às encomendas recebidas da Cruz Vermelha, ninguém passava fome. Os internados americanos e ingleses em Vittel tiveram tempo suficiente para estabelecer uma vida social. Havia aulas de línguas estrangeiras, além de outras disciplinas, concertos e espetáculos diversos. Havia também contactos com a resistência francesa, várias centenas de freiras e internados como Sofka Skipwith, que se destacou na ajuda aos recém-chegados de Varsóvia.

Madeleine Steinberg, uma internada inglesa, escreveu as suas memórias do campo de Vittel. Nelas recorda que Mary se apresentou de imediato como voluntária para acompanhar as crianças nas aulas de artes e quando brincavam. Também assinala que Mary foi a primeira pessoa a falar aos restantes internados da vida no gueto de Varsóvia e a explicar por que motivo as crianças polacas fugiam e se escondiam na cave quando viam um alemão em Vittel³⁰. Os internados começaram entretanto a recuperar a esperança. No entanto, algumas semanas depois da partida dos Wattenbergs para a troca de prisioneiros do S. S. *Gripsholm*, a maioria dos internados polacos que haviam sido transferidos para o Hotel Beau Site fora da cerca de arame farpado que rodeava o parque foram deportados em duas

levas para Drancy e, pouco depois, daí para Auschwitz, onde foram mortos com gás logo à chegada.

No gueto de Varsóvia, depois das deportações do final do verão de 1942, a Organização de Combate Judaica e outros jovens politizados assassinaram colaboracionistas residentes no gueto, incluindo os judeus que haviam trabalhado com a Gestapo e feito enormes fortunas em negócios com os alemães e com os informadores da Gestapo que já eram conhecidos³¹. As reações no pós-guerra, em especial entre os sobreviventes deslocados da Europa, contra os criminosos nazis — incluindo os colaboracionistas que eram membros dos conselhos dos guetos, as forças de Polícia dos guetos ou os *Kapos* nos campos — foram no início muito firmes. Alguns foram julgados na Alemanha ocupada e declarados responsáveis pelas suas ações.

Houve mais tarde diversos casos muito publicitados de colaboracionistas judaicos que foram julgados nos tribunais israelitas e alemães. A «culpa», porém, no sentido legal foi muitas vezes difícil de provar e de julgar. Como o objetivo essencial dos alemães era destruir a população judaica, estes colaboracionistas encontravam-se subordinados à vontade dos alemães e, por isso, as linhas que separavam a cooperação e a colaboração eram muitas vezes indistintas. Os tribunais da moralidade pública também têm tendido a julgar esses réus com indulgência porque as pessoas acabam por se interrogar sobre o que poderiam ter feito para se salvarem a elas próprias, ou a membros da sua família, em circunstâncias semelhantes, se tivessem de passar por esse teste.³²

Uma das perguntas que os meus alunos me fizeram ao ler o *Diário* de Mary Berg foi como é que ela sabia, em Pawiak, o que acontecia no gueto e por que motivo é que escreveu que as vítimas de Treblinka foram mortas com vapor. Embora Mary estivesse em Pawiak durante a *Aktion* de 1942, as paredes da prisão «tinham ouvidos». Mary refere-se a rumores que lhes chegavam por intermédio

dos guardas da prisão e da Polícia polaca. Ela e os outros internados de Pawiak recebiam também cartas de amigos e das famílias. Gutta Eisenzweig obteve informações atualizadas e pormenorizadas de Hillel Seidman, um funcionário da comunidade. Também havia comunicação com os novos internados que iam chegando, e com as habitações do gueto através das janelas de Pawiak. Os escritos de Mary refletem ainda o que as pessoas sabiam nessa época. E alguns dos primeiros relatos indicavam que era vapor o que era usado para matar pessoas em Treblinka. Ainda levou algum tempo desde que as primeiras pessoas que fugiram de Treblinka para Varsóvia compreendessem que os alemães recorriam a monóxido de carbono.

As imagens de sofrimento que vemos nas primeiras páginas dos jornais e nos ecrãs de televisão, hoje em dia, fazem com que o nosso mundo seja de facto muito semelhante ao mundo da experiência juvenil de Mary. Os jovens hoje invetivam muitas vezes o mundo para que parem os morticínios. Os estudiosos do Holocausto tentam fazer o mesmo. Esperam que ensinar o passado às gerações futuras lhes dê a força para construírem um mundo novo sem ódios. O diário de Mary oferece aos leitores a compreensão do que foi o Holocausto, numa perspetiva intensa e pessoal, e encoraja quem o lê a ter esperança num futuro melhor para a espécie humana.

Marcel Reich-Reinicki explica nas suas memórias recentemente publicadas, referindo-se à sua mulher, que fugiu do *Umschlagplatz*: «Quem, condenado à morte, viu de muito perto um comboio a partir para as câmaras de gás, fica marcado para o resto da sua vida.»³³ Apesar de Mary nunca ter passado pelo *Umschlagplatz*, viu mais de 300 000 judeus passarem diante da prisão de Pawiak, em Varsóvia, a caminho da morte que os esperava em Treblinka. Depois de chegar aos EUA soube que a maioria dos seus amigos e dos seus familiares havia perecido no Holocausto, incluindo mais 200 judeus de Vittel, a sua colega de quarto Rosl Weingort, Adam Wentland e as suas

irmãs, a Sra. Tamara Schorr, mulher do Grande Rabi de Varsóvia, e muitas outras pessoas que Mary conhecia. Haviam estado à beira da liberdade, mas o mundo desviara os olhos e foram todos deportados para a Polónia, onde morreram nas câmaras de gás de Auschwitz.

Mary começou uma vida nova na América e esforçou-se por deixar o passado para trás. Quando Nancy Craig lhe perguntou em 1945 se queria ir outra vez à Polónia, Mary respondeu:

Não, nunca voltarei. Agora a América é o meu país e eu vou ser uma verdadeira americana. Não seria agradável voltar à Polónia e ver só cemitérios [...], a família do meu pai também foi morta [...] tal como todos os nossos amigos. Depois do que passámos, eu sei o que significa realmente a liberdade [...] significa a América. O facto de estar aqui hoje de manhã a falar consigo na rádio... Isto é a América.

Embora os leitores possam concluir que Mary teve «sorte» ao sobreviver, e partir do princípio de que, uma vez nos EUA, ela pôde regressar à felicidade dos seus anos iniciais da adolescência, muitos compreenderão também que as vidas dos sobreviventes de um trauma, e talvez as crianças em especial, ficam mudadas para sempre pela perseguição e que o seu futuro é alterado pelo horror, pelas perdas e pelas opções que tiveram um dia de fazer.

Até ao início dos anos cinquenta do século xx, Mary Berg foi uma personalidade pública de Nova Iorque, concedendo entrevistas e aparecendo na rádio. Depois dissociou-se do seu diário, afirmando que queria esquecer o passado, e desapareceu do campo de visão do público. Só podemos ter a esperança de que ela tenha sido capaz de criar uma vida para si própria no mundo do pós-guerra e encontrar uma consolação para as memórias do passado.

Susan Pentlin



CAPÍTULO UM

O CERCO DE VARSÓVIA

10 de outubro de 1939

Hoje faço 15 anos.¹ Mas sinto-me muito mais velha e só, apesar de a minha família ter feito tudo o que podia para tornar este dia um verdadeiro dia de anos. Até fizeram um bolo de suspiros de amêndoa, o que é um luxo enorme nesta altura. O meu pai aventurou-se a sair à rua e regressou com um ramo de violetas alpinas. Quando as vi comecei logo a chorar.

Não tenho escrito o meu diário há algum tempo, por isso nem sei se consigo atualizar tudo o que tem acontecido. Mas este é um bom momento para recomeçar. Passo a maior parte do tempo em casa. Toda a gente tem medo de sair. E os alemães já chegaram. Até me custa a crer que foi só há seis semanas que eu e a minha família estivemos nas encantadoras termas de Ciechocinek, numas férias despreocupadas como milhares de outros visitantes. Não fazia a menor ideia do que o futuro nos reservava. E só o pressenti, pela primeira vez, na noite de 29 de agosto, quando o som roufenho do gigantesco altifalante que anunciava as últimas notícias paralisou as pessoas que passeavam pelas ruas da cidade. Embora a palavra «guerra» fizesse parte de todas as frases, a maioria das pessoas recusou-se a acreditar que o perigo era real e a expressão de alarme foi-lhes desaparecendo do rosto à medida que a voz do altifalante se deixava de ouvir.

Mas o meu pai era de outra opinião. E decidi que devíamos voltar para casa, para Lodz. Em menos de nada, as malas estavam prontas no meio do quarto. Estávamos longe de pensar que esta seria a primeira de várias semanas de mudanças constantes de sítio para sítio.

Apanhámos o último comboio que transportava passageiros civis para Lodz. Quando chegámos, demos com uma cidade em estado de confusão. Poucos dias depois, foi o alvo de pesados bombardeamentos alemães. O telefone não parava de tocar. O meu pai andava de um gabinete de mobilização para outro, a receber papelinhos de cor diferente em cada um deles. Um dia, o tio Abie, o irmão mais novo da minha mãe, apareceu-nos em casa inesperadamente para se despedir de nós antes de ir para a frente de combate. Vinha vestido com andrajos, sujo e com a barba por fazer. Não vinha fardado mas apenas com o boné militar e a mochila às costas, o que o identificava como soldado. Andava de terra em terra à procura do seu regimento.

Passávamos a maior parte do tempo na cave da nossa casa. Quando chegou a informação de que os alemães haviam rompido as linhas polacas e já se aproximavam de Lodz, a população entrou em pânico. A debandada da cidade começou às 11 da noite, com as multidões a fugirem em todas as direções. Menos de uma semana depois de termos chegado de Ciechocinek fizemos as malas e pusemo-nos outra vez a caminho.

Até chegarmos às portas da cidade estivemos na dúvida quanto ao caminho a tomar — iríamos para Varsóvia ou para Brzeziny? Finalmente, tal como a maioria dos restantes judeus de Lodz, apanhámos a estrada para Varsóvia. Mais tarde soubemos que os refugiados que haviam seguido a retirada dos exércitos polacos, a caminho de Brzeziny, foram praticamente todos massacrados pela aviação alemã.

Para nós os quatro — a minha mãe, o meu pai, a minha irmã e eu — dispúnhamos apenas de três bicicletas, que eram os nossos bens mais preciosos. Os outros refugiados que haviam tentado trazer objetos que lhes tinham sido valiosos na vida que ficava para trás foram obrigados a desfazer-se deles. À medida que avançávamos, íamos vendo a estrada coberta de toda a espécie de coisas, desde casacos de peles a carros abandonados por falta de gasolina. Tivemos a sorte de conseguirmos comprar outra bicicleta a um camponês que passou por nós pelo valor fantástico de 200 zlóti* e esperámos que isso nos permitisse, aos quatro, movimentar-nos com maior velocidade. Mas as estradas estavam congestionadas e acabámos por ser gradualmente engolidos pelo fluxo lento e constante das pessoas que se dirigiam para a capital.

Cada quilómetro que passava era igual ao anterior. Os campos definhavam debaixo de um calor terrível. A gigantesca nuvem de pó levantada pela vanguarda dos refugiados ia caindo sobre nós, transformando o horizonte numa mancha indistinta e cobrindo as nossas caras e as nossas roupas com camadas sucessivas de pó. Atirávamo-nos frequentemente para as valetas ao longo da estrada, enterrando a cara na terra, quando os aviões rugiam aos nossos ouvidos. Durante a noite víamos enormes clarões vermelhos na cúpula negra do céu. À nossa volta erguiam-se as chamas dos incêndios das aldeias e das cidades.

Quando chegámos a Lowicz deparámo-nos com a cidade em chamas. Quando os refugiados tentavam abrir caminho pelas ruas eram atingidos por pedaços de madeira a arder. Havia postes telefónicos caídos a impedir-nos a passagem. Os passeios estavam cobertos de mobílias. Muitas pessoas haviam sido consumidas pelo fogo.

* Um zlóti, à taxa normal de câmbio antes da guerra, valia cerca de 20 cêntimos do dólar americano ou 17 cêntimos do euro. Um zlóti equivale a 100 *groszy*.

O cheiro a carne humana queimada perseguiu-nos durante muito tempo depois de deixarmos a cidade para trás.

A comida que tínhamos trazido de casa acabou em 9 de setembro. Não se arranjava mais nada para comer pelo caminho. A minha mãe, debilitada pela fome, desmaiou na estrada. Ajoelhei-me a seu lado, a chorar descontroladamente, mas ela não deu sinais de vida. Entontecido, o meu pai foi procurar água enquanto a minha irmã mais nova se mantinha imóvel, como que paralisada. Mas não passou tudo de um assomo de fraqueza.

Em Sochaczew conseguimos arranjar alguns pickles e alguns biscoitos de chocolate que sabiam a sabão. Foi a única coisa que comemos durante um dia inteiro. Encontrar água para bebermos era quase tão difícil como arranjar comida. Os poços ao longo do caminho haviam secado. Encontrámos uma vez um poço com água turva mas os aldeões avisaram-nos para não a bebermos porque acreditavam que a água havia sido envenenada por agentes dos alemães. Andámos ainda mais depressa, apesar dos lábios secos como pergaminhos e das gargantas doridas.

Vimos, de repente, uma coluna de fumo que se erguia da chaminé de uma casa à beira da estrada. Todas as casas que encontrámos pelo caminho estavam vazias mas aqui já se via um sinal de vida. O meu pai dirigiu-se à casa imediatamente e regressou com uma chaleira enorme nas mãos mas com uma expressão estranha no rosto. Com uma voz trémula disse-nos o que encontrara e, por instantes, ninguém conseguiu tocar naquela água preciosa... A chaleira estava ao lume. Ao lado, numa cama, o meu pai viu um homem deitado de cara para a parede. Parecia dormir pacificamente e por isso o meu pai chamou-o várias vezes. Mas sem resposta. Aproximou-se mais do camponês adormecido para ver que estava morto. A cama estava coberta de sangue. E havia buracos de balas nos vidros da janela.

A chaleira que «herdámos» do camponês assassinado tornou-se a nossa mais fiel companheira na longa viagem para Varsóvia. Quando nos aproximávamos da capital, demos com os primeiros prisioneiros de guerra alemães a caminharem ao longo da estrada, encabeçados por soldados polacos. Este quadro encorajou-nos mas os alemães não pareciam muito abatidos pela sua condição. Vestiam fardas elegantes... e sorriam, com insolência. Sabiam que não ficariam prisioneiros por muito tempo.

Saboreámos a nossa primeira comida cozinhada em Okecie, um subúrbio de Varsóvia. Alguns soldados, alojados num edifício vazio, partilharam connosco a sua sopa de batata. Depois de quatro dias e quatro noites de uma viagem que nos pareceu interminável, apercebemo-nos, pela primeira vez, do cansaço que se apoderava de nós. Mas não podíamos deixar de continuar. Não havia um momento a perder e vimos, ao sair de Okecie, como os homens e as mulheres erguiam barricadas com elétricos vazios e pedras arrancadas da calçada, preparando-se para o cerco à capital.

Em Varsóvia deparámo-nos com mulheres à porta das casas, a distribuir chá e pão aos refugiados que atravessavam a capital numa correnteza de filas sem fim. E à medida que dezenas de milhares de pessoas vindas das províncias entravam em Varsóvia, esperanças em encontrarem abrigo, milhares de moradores na cidade fugiam para os campos.

Alguns familiares que viviam no coração do bairro judaico de Varsóvia receberam-nos afetuosa e calorosamente, mas os constantes ataques aéreos empurravam-nos para a cave durante a maior parte do tempo em que ficámos com eles. No dia 12 de setembro, os alemães começaram a destruir o centro da cidade. Tivemos de nos mudar novamente, para procurarmos uma melhor proteção contra as bombas.

Os dias que se seguiram trouxeram fome, morte e medo ao nosso povo. Não conseguíamos comer nem dormir. Logo ao início, numa

nova casa na Rua Zielna, ainda nos sentimos verdadeiramente confortáveis. Os proprietários tinham fugido da cidade, deixando-nos um apartamento limpo que podíamos usar. Até havia uma criada que nos trazia chá quente e, pela primeira vez desde a nossa fuga de Lodz, tivemos uma refeição a sério, servida numa mesa coberta por uma toalha branca. Incluíu arenque, tomate, manteiga e pão branco. Para conseguir arranjar o pão, o meu pai teve de permanecer horas numa fila muito comprida para uma padaria. Enquanto esperava, passaram vários aviões alemães que flagelaram as pessoas com tiros de metralhadora. A fila para a padaria desfez-se instantaneamente mas um homem ficou no seu lugar. Indiferente aos tiros, o meu pai ocupou logo o lugar atrás dele. Um momento depois, o homem foi atingido por uma bala na cabeça. A entrada para a padaria ficou livre e o meu pai foi comprar o pão.

Depois deste jantar ouvimos uma emissão de rádio em que um jornalista americano descrevia os métodos de guerra dos nazis aos seus ouvintes americanos. «Parei num campo e, à distância, vi uma mulher a cavar batatas. Com ela estava uma criança pequena. De repente passou a rasar um avião alemão, que disparou contra a mulher desarmada, fazendo-a tombar de imediato. A criança ficou ilesa. Era um rapazinho, que se debruçou sobre a mãe tombada, num choro de dilacerar o coração. Foi deste modo adicionado mais um órfão aos muitos órfãos de guerra da Polónia, Presidente Roosevelt!», exclamou o jornalista numa voz rouca, acrescentando: «Peço-lhe, ajude estas mães que andam a arrancar batatas da terra para os seus filhos, ajude estas crianças cujas mães morrem em campos de paz. Ajude a Polónia nesta hora de provação!». Mas a ajuda nunca chegou...

A nossa casa no número 31 da Rua Zielna era perto do edifício dos telefones, que foi um dos alvos da artilharia alemã durante todo o cerco. Apesar de atingida por muitas balas, a estrutura ampla e

firme do edifício só ficou ligeiramente danificada e as telefonistas mantiveram-se nos seus postos. Muitas casas ao redor ficaram destruídas e tivemos de passar novamente as noites na cave. Mas um dia uma das bombas explodiu na sala da frente do nosso apartamento e fomos obrigados a voltar para a casa, já muito sobrelotada, dos nossos familiares.

Gradualmente, os alimentos começaram a esgotar-se na cidade. Uma vez por outra, e dependendo de qual era a fábrica de conservas atingida pelas bombas alemãs, apareciam no mercado diversos tipos de alimentos enlatados. Houve dias em que só se encontravam nas lojas latas de sardinhas e de pickles.

A nossa fome de notícias era tão grande como a nossa fome de comida. O único jornal que ainda se via era o *Worker* [O Operário], o órgão do Partido Socialista Polaco, que aparecia em edições especiais. Admirávamos o heroísmo dos seus editores e tipógrafos que, sob condições difíceis, garantiam que a população era informada sobre os acontecimentos. Disseram-nos, por exemplo, que a armada britânica havia aportado a Gdynia. Muitas vezes, as notícias dadas pelo *Worker* animavam-nos, mas os relatos prematuros ou falsamente otimistas só serviam para intensificar ainda mais a nossa decepção.

Em 20 de setembro a telefonia ficou silenciosa e o sistema de abastecimento de água deixou de funcionar. Começámos a sentir-nos como se estivéssemos numa ilha deserta. Nunca esquecerei o dia 23 de setembro de 1939, o Dia da Expição². Os alemães escolheram deliberadamente esse feriado sagrado judaico para um bombardeamento intenso da secção judaica da cidade. Durante o bombardeamento ocorreu um estranho fenómeno meteorológico: começou a cair um forte nevão misturado com granizo, a meio de um dia brilhante de sol. O bombardeamento foi interrompido durante algum tempo e os judeus interpretaram a queda de neve como

um ato especial de intervenção divina: nem os mais velhos se recordavam de alguma vez terem presenciado tal fenómeno. Mais tarde, porém, nesse mesmo dia, o inimigo resolveu compensar o tempo perdido com uma fúria renovada.

Apesar do perigo, o meu pai e alguns dos outros homens que viviam também na mesma casa foram à sinagoga vizinha. Passados alguns minutos, um deles regressou a correr, com o *talit* (o xaile da oração) pela cabeça, um livro de orações na mão e tão agitado, que, durante algum tempo, foi incapaz de falar. Uma bomba caíra na sinagoga e muitos dos devotos tinham sido mortos. Mas, para nossa grande alegria, o meu pai regressou ileso. Branco como a cal e com o *talit* enrodilhado debaixo do braço, disse-nos que muitos dos que se encontravam a rezar a seu lado, apenas alguns momentos antes, haviam sido mortos durante o serviço.

Nessa noite arderam centenas de edifícios por toda a cidade. Milhares de pessoas foram enterradas vivas nas ruínas. Mas nem as dez horas de bombardeamentos assassinos conseguiram quebrar a resistência de Varsóvia. O nosso povo lutou com uma teimosia cada vez maior e, mesmo depois de o Governo ter fugido e de o marechal Rydz-Smigly³ ter abandonado as suas tropas, homens e mulheres, novos e velhos, todos ajudaram a defender a capital. Os que não possuíam armas cavavam trincheiras, as raparigas organizavam brigadas de primeiros socorros nos vãos das portas, os judeus e os cristãos resistiam ombro a ombro e lutavam pela sua terra natal.

Na última noite do cerco sentámo-nos todos num canto do restaurante por baixo da nossa casa. Alguns judeus idosos cantavam os Salmos com vozes chorosas. A minha mãe embrulhou-nos em cobertores espessos para nos proteger dos estilhaços de madeira que enchiam o ar. Quando ela própria pôs a cabeça de fora por instantes, foi atingida na testa pelo estilhaço de uma bomba. O rosto ficou coberto de sangue mas a ferida acabou por se revelar apenas

um arranhão. Percebemos que o nosso abrigo era muito perigoso se deflagrasse algum incêndio e por isso dirigimo-nos para a Rua Kozla, para nos abrigarmos com os nossos familiares, tropeçando, enquanto andávamos, nos corpos mutilados de soldados e de civis. O que encontrámos foi o esqueleto de uma casa por cima de uma enorme cave repleta de pessoas deitadas no chão de cimento. Não se sabe bem como ainda conseguiram arranjar lugar para nós. Ao meu lado estava um rapazinho que se contorcia de dores devido a uma ferida. Quando a mãe lhe mudou o penso, pôde ver-se que um estilhaço de uma bomba ainda se encontrava cravado na carne e que a gangrena já começava a espalhar-se. Mais à frente havia uma mulher sem um pé, arrancado por uma bomba. Não havia qualquer tipo de assistência médica disponível para estas pessoas. O cheiro era insuportável. Nos cantos acumulavam-se crianças que choravam copiosamente. Os adultos deixavam-se ficar sentados ou deitados, imóveis, com rostos que pareciam de pedra e olhos vazios. As horas foram passando. Quando o dia nasceu, fiquei estupefata devido ao silêncio tão inesperado. Os meus ouvidos, habituados à sucessão de explosões intermináveis, começaram a zumbir. Era o silêncio aterrador que precede uma grande tragédia mas eu não conseguia imaginar nada pior do que aquilo por que já havíamos passado. De repente apareceu na cave uma pessoa com a notícia de que Varsóvia capitulara. Ninguém se mexeu, mas reparei nas lágrimas dos olhos dos adultos. E eu também senti um aperto na garganta, mas os meus olhos mantiveram-se secos. Os nossos sacrifícios haviam sido todos em vão, portanto. Vinte e sete dias depois de iniciada a guerra, Varsóvia, que resistira mais tempo do que qualquer outra cidade da Polónia, fora forçada a render-se.

Quando saímos da cave vimos as ruínas da nossa cidade à luz do sol claro de setembro. Já havia equipas de salvamento a trabalhar, retirando as vítimas dos destroços. As que ainda revelavam

sinais de vida eram deitadas em macas e levadas para os postos de primeiros socorros mais próximos. Os mortos eram acumulados em carroças e enterrados no terreno mais próximo que estivesse desocupado, no pátio de uma casa em ruínas ou numa praça das redondezas. Os soldados eram enterrados nos jardins públicos com pequenas cruzes de madeira cravadas nas campas.

Regressámos à nossa rua. Caídos no pavimento, cavalos mortos aos quais pessoas arrancavam bocados de carne. Alguns ainda se mexiam, mas os infelizes esfomeados nem reparavam e continuavam a retalhar os animais ainda vivos. Demos com a última casa onde havíamos ficado, o apartamento da Rua Nalewki, intacta à exceção das janelas. Mas não havia nada que se pudesse comer. O porteiro convidou-nos a jantar com ele, pato e arroz. Soube mais tarde que o «pato» apanhado pelo nosso porteiro era o último cisne que ainda vivia no lago do Parque Krasinski. Apesar de essa água se encontrar poluída por corpos humanos em decomposição, não sentimos quaisquer efeitos nocivos após a estranha refeição.

Alguns dos soldados polacos apressaram-se a vestir roupas civis. Corriam rumores de que muitos outros haviam conseguido atravessar a fronteira para a Roménia e para a Hungria. Sabíamos que um dos irmãos da minha mãe era do 56.º Regimento, que fora inteiramente dizimado. Já do outro irmão não havia quaisquer informações.

Nessa tarde, uma prima que vivia na Rua Sienna convidou-nos para irmos partilhar com ela o seu enorme apartamento, no qual armazenara uma grande quantidade de comida. Mudámo-nos mais uma vez, portanto. A viagem foi um pesadelo. Havia valas comuns a serem escavadas em todas as praças. Varsóvia assemelhava-se a um cemitério gigantesco.

Lodz, 15 de outubro de 1939

Regressámos a Lodz. Demos com a nossa loja e com a nossa casa completamente saqueadas. Os ladrões até haviam cortado os quadros das molduras para os poderem levar. O meu pai ficou arrasado pela perda do Poussin e do Delacroix⁴ que comprara em Paris por uma soma considerável apenas algumas semanas antes do início da guerra. Estamos aqui em Lodz há apenas dois dias mas já percebemos que foi um erro termos regressado. Os nazis começaram a intensificar os seus atos de terrorismo contra a população nativa e, em especial, contra os judeus. Na semana passada deitaram fogo à grande sinagoga, que era o orgulho da comunidade de Lodz. Proibiram os judeus de retirarem os livros sagrados, e o *shames*, ou bedel, que quis salvar as relíquias sagradas, foi fechado no templo e morreu no incêndio. A minha mãe não se consegue perdoar por ter convencido o meu pai a trazer-nos para aqui.

Lodz, 1 de novembro de 1939

Fazemos planos para regressarmos a Varsóvia. O meu pai já foi à nossa frente. Foi obrigado a fugir porque um dos nossos vizinhos alemães⁵ informou a Gestapo de que ele havia escondido algumas pinturas patrióticas do grande pintor polaco, Matejko⁶. Este vizinho costumava visitar-nos no passado e mais de uma vez pedira dinheiro emprestado ao meu pai. Quando a Gestapo veio à procura das pinturas, o ignóbil denunciante acompanhou-os. Mas o meu pai, felizmente, conseguiu alugar um carro privado a um ariano para fazer a viagem de 80 quilómetros até Varsóvia. Foi uma pequena viagem que lhe custou uma grande fortuna.

Lodz, 3 de novembro de 1939

A nossa casa é quase todos os dias visitada por soldados alemães que, sob vários pretextos, nos vêm roubar as nossas coisas. Sinto-me como se estivesse numa prisão. E nem consigo ir buscar algum consolo ao olhar pela janela porque, quando espreito por detrás das cortinas, observo incidentes horríveis como este que vi ontem: um homem de aparência marcadamente semita estava tranquilamente parado no passeio junto a uma esquina. Um alemão fardado aproximou-se dele e deu-lhe, pelo que pareceu, uma ordem despropositada, porque pude perceber que o pobre homem tentou explicar-lhe qualquer coisa com uma expressão de embaraço. Depois apareceram outros alemães e começaram a bater na vítima com bastões de borracha. Chamaram um táxi e tentaram metê-lo lá dentro mas ele resistiu vigorosamente. Os alemães ataram-lhe então as pernas com uma corda, prenderam a ponta da corda à parte de trás do táxi e ordenaram ao motorista que arrancasse. O rosto do infeliz foi embatendo nas pedras aguçadas da rua, deixando-as pintadas de sangue. O táxi desapareceu rua fora.

Lodz, 12 de novembro de 1939

Percy, o irmão mais novo da minha mãe, regressou do cativeiro nazi. Foi um milagre que o salvou da morte. No campo de batalha, ao ver os nazis a aproximarem-se e percebendo que a sua unidade se rendera, decidiu suicidar-se. Como fazia parte de uma unidade médica, trazia consigo toda a espécie de medicamentos. Engoliu 30 comprimidos de *Veronal* e adormeceu num campo aberto. De repente começou a chover torrencialmente e a chuva acordou-o.

«Não sei como é que isto aconteceu», contou ele, «mas comecei de repente a vomitar e deitei fora quase todo o veneno.» Estando demasiado fraco para se mexer, acabou por ser levado pelos alemães para um campo de prisioneiros. No dia seguinte, na companhia de um camarada, conseguiu atravessar a cerca de arame farpado e, depois de andar a vaguear durante uma semana na chamada Floresta de Kampinowska, encontrou o caminho para Lodz.

Lodz, 23 de novembro de 1939

O tio Percy casou-se hoje. A Gestapo proibiu oficialmente os judeus de se casarem mas, desafiando essa determinação, o número de casamentos judaicos tem aumentado. Nem vale a pena dizer que todas as certidões de casamento saem com datas anteriores. Devido aos perigos que nos cercam, todos os casais de noivos querem estar juntos. Além disso, toda a gente se interroga se os nazis deixarão as pessoas viverem muito mais tempo.

Para irmos ao casamento, deslízamos um a um, como sombras, pelos vários quarteirões que nos separavam do local da cerimónia. Havia um guarda à porta, para avisar da chegada dos nazis e termos tempo de fugir por outra saída, se fosse necessário. O rabi tremia enquanto recitava a sua bênção. O mais pequeno ruído nas escadas fazia-nos correr para a porta. O ambiente geral era de terror e apreensão. Todos chorámos e, depois da cerimónia, partimos sorrateiramente, de novo um a um.

Circulam cada vez mais rumores sobre a possibilidade de Lodz ser anexada pela Alemanha e de a população judaica ser fechada num gueto.⁷ Os judeus estão a ser raptados em massa e enviados para diversos campos de trabalho. Os pais da jovem esposa do meu tio foram mandados para um sítio qualquer na região de Lublin.

Uma manhã, quando saíram para ir trabalhar, foram apanhados por soldados nazis, atirados para um caminhão e levados para a estação de comboios. Soubemos mais tarde, por alguém que escapou do grupo, que fizeram a viagem em vagões fechados durante vários dias, e sem comida. Exaustos e famintos, foram largados num campo aberto e levados para a pequena cidade de Zaklikjow, onde se juntaram a vários milhares de outros judeus vindos de mais cidades polacas. Também levaram polacos, nomeadamente os intelectuais, embora não em condições tão terríveis como as dos judeus.

Lodz, 1 de dezembro de 1939

O meu pai encontra-se em Bialystok, nos territórios russos ocupados pela Polónia. Suspirámos de alívio quando soubemos. Ali, pelo menos, os judeus são tratados como toda a gente e têm uma hipótese de sobreviverem.

Ainda somos constantemente visitados pelos nossos «vizinhos» alemães, os trabalhadores ferroviários que vivem na casa ao lado. Vêm sempre pedir qualquer coisa mas os pedidos deles são ordens, na realidade. Na semana passada, por exemplo, pediram almofadas, fingindo não terem nenhuma. Há alguns dias fomos visitados por oficiais alemães de alta patente que vinham comprar quadros. A minha mãe disse-lhes que nos tinham roubado e que já não havia nenhum para vender. Eles insistiram e começaram a remexer por toda a casa. Encontraram um pequeno desenho e ofereceram-nos por ele um preço ridiculamente baixo. Tivemos de aceitar o dinheiro para nos podermos livrar deles.

Ainda mais desagradável foi uma visita de dois elementos bêbedos da Gestapo. Exigiram-nos objetos que nós não possuíamos. As nossas explicações não os satisfizeram. Finalmente a minha mãe

mostrou-lhes os documentos que comprovavam a sua nacionalidade americana. Um dos bêbedos puxou do revólver e gritou-lhe: «Jura pela saúde de Hitler que és cidadã americana ou dou-te já um tiro!». Só que os judeus foram proibidos de pronunciar o nome sagrado do *Führer*. A minha mãe perguntou se podiam abrir uma exceção para o caso dela. O nazi sorriu e voltou a meter o revólver no coldre. Depois de procurarem sem êxito as coisas que ele e o amigo queriam, foram-se embora, batendo os calcanhares e fazendo continência perante a bandeira americana pendurada no corredor.

Lodz, 15 de dezembro de 1939

Os nazis expulsaram os judeus da Rua Piotrkowska, que costumava ser a rua principal de Lodz, atravessando toda a cidade e dividindo-a em duas metades. Nenhum judeu está autorizado a viver nesta rua nem a andar nela. O novo decreto alemão criou assim dificuldades acrescidas a muitos judeus. Mas os alemães beneficiam delas porque andam a emitir autorizações especiais para os judeus poderem andar na Rua Piotrkowska, a 5 zlóti por cada autorização.

Lodz, 18 de dezembro de 1939

Os alemães confiscaram a nossa loja e a nossa casa. Vivemos agora com familiares na Rua Narutowicz, perto da escola secundária onde ando. A escola ainda funciona apesar de haver poucos alunos a irem às aulas por terem medo de sair de casa. A crueldade dos alemães aumenta de dia para dia, e começaram a raptar rapazes e raparigas para os usarem como horrendos passatempos. Juntam cinco a dez casais numa sala, ordenam-lhes que se dispam

e põem-nos a dançar ao som de discos de gramofone. Duas das minhas colegas passaram por esta experiência na sua própria casa. Vários nazis entraram no apartamento delas e, depois de uma busca rigorosa em todas as divisões, forçaram as duas raparigas a irem para a sala, onde havia um piano. Quando os pais as tentaram acompanhar, os nazis bateram-lhes com os bastões na cabeça. Depois fecharam a porta da sala à chave e ordenaram às raparigas que se despissem. À mais velha ordenaram que tocasse uma valsa vienense e à mais nova que dançasse. Os sons do piano misturaram-se com os gritos dos pais na sala ao lado. Quando a rapariga mais nova desmaiou, enquanto dançava, a outra irmã começou a pedir socorro aos gritos, pela janela. Já era de mais para os nazis, por isso foram-se embora. As minhas colegas mostraram-me as nódoas negras com que haviam ficado no corpo depois de terem lutado contra os seus carrascos.

Varsóvia, 27 de dezembro de 1939

Na semana passada recebemos uma carta do consulado americano, intimando a minha mãe a Varsóvia. O carteiro que nos trouxe a carta não conseguiu conter-se e expressou a sua inveja pelo facto de termos ligações com a América. Parti para Varsóvia antes da minha mãe, graças a um amigo gentílico, marido de uma amiga da minha mãe, que me levou com ele e me fez passar por sua filha, pondo a sua própria vida em risco. Tenho estado na casa dele e, no Natal, ele também trouxe a minha irmã de Lodz. Passamos a maior parte do tempo em casa, aventurando-nos lá fora apenas depois do anoitecer, para dar pequenos passeios diante da embaixada americana. Sentimo-nos, de algum modo, mais seguros debaixo da sua sombra⁸.